

# humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLVII-VIII

GUILLAUME STEGEN, *Commentaire sur cinq Bucoliques de Virgile (3, 6, 8, 9, 10) suivi d'une vue d'ensemble sur tout le recueil*. Namur, 1957. 155 pp.

Estamos em presença dum livro de múltiplas facetas, onde se discutem muitos dos inumeráveis problemas que a obra bucólica de Virgílio suscita e se propõem corajosamente, novas soluções. Na impossibilidade de nos referirmos a cada aspecto da obra em particular, limitar-nos-emos à análise de algumas questões que reputamos fundamentais, dedicando uma atenção especial à posição tomada pelo Autor.

O 1.º capítulo, intitulado *Le jugement de Palémon*, é dedicado à interpretação dos versos 108-110 da Bucólica III, que constituem o remate da composição:

*Non nostrum inter uos tantas componere lites.  
Et uitula tu dignus et hic, et quisquis amores  
Aut metuet dulces, aut experietur amaros.*

Depois de citar as opiniões de Herrmann, Maury, Derenne, Cluytens, Latzarus (para referirmos só as mais recentes) sobre a dificuldade do passo em questão, o Autor exprime o seu ponto de vista nos seguintes termos:

«Par les mots *quisquis amores*... Palémon désigne tous ceux qui seront émus à la lecture ou à l'audition de ce chant. Les juger dignes de la génisse comme Damète et Ménalque eux-mêmes, cela équivaut pour lui à leur promettre autant de plaisir que les deux bergers viennent d'en éprouver à chanter.»

Perante tantas e variadas interpretações diremos como Virgílio : *Non nostrum inter uos tantas componere lites*. Mas, a termos de decidir, subsereveríamos a interpretação de B. Latzarus, por mais clara, mais simples, e, por isso mesmo, mais verdadeira. Entende este Autor que *quisquis*... se refere a todos aqueles «que na realidade se inquietarem ou sofrerem por amor». E afirma: «Palémon se réfuse, ne sachant à qui donner le prix; mais il estime bonnement que le grand poète est l'amour.»

Efectivamente, não será intenção de Palémon alargar a conclusão, dando ao debate profundidade e interesse humano? Virgílio, parece-nos, pretende exprimir uma ideia de fraternidade, uma comunhão de sentimentos com todos os homens, vítimas do amor.

O capítulo II, *La Sixième Bucolique*, começa pela discussão da «dedicatória a Varo». Trata depois o Autor do problema da unidade do canto de Sileno, que aborda sob dois aspectos : unidade de pensamento e unidade de forma. As opiniões

## VIII

dividem-se e não é possível concluir com segurança. Mas, segundo G. Stégen, há de qualquer modo falta de unidade interna, a única válida do ponto de vista poético.

Note-se, de passagem, uma estranha interpretação do verso 73 *Ne quis sit lucus quo se plus iactet Apollo*, feita a pp. 48.

A propósito das palavras *pulsae referunt ad sidera ualles*, o Autor afirma que nelas Virgílio exprime a convicção de que os seus versos agradarão ao público (p. 55). Isto leva-o a classificar de contradição a pretensa oposição de pensamento entre este passo e o passo inicial, em que o êxito dos seus versos é apresentado pelo Poeta como mera suposição.

A nós afigura-se-nos não haver contradição alguma. Virgílio resume o canto de Sileno, dá dele uma humana, pálida imagem, e não são os seus versos, mas os de Sileno que, segundo o Poeta, sobem aos astros.

Depois da análise bastante feliz das ideias da Bucólica 8.<sup>a</sup>, feita no cap. III, procede o Autor no capítulo seguinte à meritória tentativa de justificação literária da 9.<sup>a</sup> Bucólica de Virgílio. Contra variados argumentos de diversos autores, demonstra a arte da composição, a naturalidade e verosimilhança do diálogo, o fino desenho dos caracteres, enfim, o domínio pleno duma arte feita de delicadeza e sabedoria. Não é este um pequeno mérito do trabalho de G. Stégen.

O cap. V é consagrado à análise dos problemas que se põem a respeito da 10.<sup>a</sup> Bucólica de Virgílio. Entre estes problemas conta-se o da interpretação dos versos *Nunc insanus amor duri me Martis in armis / Tela inter media atque aduersos detinet hostes*, que recebe do Autor uma solução pouco satisfatória. Mais lógica e correcta se nos afigura a interpretação de Evenhuis que Stégen não conseguiu rebater de forma convincente: Galo busca o esquecimento de si próprio no meio dos perigos e dos trabalhos da guerra.

Também não nos parece bem estabelecido o objectivo desta Bucólica, que o Autor define nos seguintes termos:

«Tu écrias dans le genre pastoral, ou tu continueras à souffrir. Choisis entre ce remède et le désespoir.»

Tal interpretação, além de estar em contradição com o próprio texto de Virgílio, onde Galo nega a possibilidade de encontrar consolação na poesia, implica ainda, a nosso ver, uma diminuição do valor poético e humano da Bucólica, que resulta menos comovente e menos pura.

No último capítulo desta obra, *Vue d'ensemble sur les 10 Bucoliques*, discute o Autor a tese de Maury sobre a unidade das *Bucólicas*. Parte G. Stégen unicamente do conteúdo poético das composições e a sua análise leva-o a afirmar que, em cada um dos grupos estabelecidos por Maury, «une des deux Bucoliques est la réplique à l'autre: elles se ressemblent entre elles par le sujet et par la forme, et outre cela

la seconde renchérît sur la première, de telle sorte que le recueil tout entier pourrait être considéré comme un vaste chant amébée».

Admitimos com o Autor que certos temas ou formas voltem em diferentes composições de Virgílio, reflectindo o teor das suas preocupações humanas e artísticas. Mas duvidamos que tal correspondência ou paralelismo seja fruto duma intenção organizadora da parte de Virgílio e concluímos que a ideia de interpretar as *Bucólicas* como um vasto canto amebéu carece de fundamento e objectividade.

Mais defensável se nos afigura a posição de Maury, quando procura a unidade das *Bucólicas* através dum complexo de ideias gerais e não no quadro rígido dum canto amebéu.

Discordamos ainda da interpretação alegórica da 2.<sup>a</sup> Bucólica onde, segundo G. Stégen, Virgílio (Córídon) exprimiria o desejo de conquistar o público romano (Aléxis). Afigura-se-nos que tais interpretações podem revelar muito engenho e fértil imaginação, mas que oferecem o perigo de encaminhar os estudos para terrenos incertos, donde a personalidade e a intenção de Virgílio saem lamentavelmente desfiguradas.

A discussão da teoria de Maury conduz o Autor à conclusão de que a Bucólica que representa a cúpula do edificio das *Bucólicas* é, não a 5.<sup>a</sup>, mas a 8.<sup>a</sup>. Julgamos bons os argumentos com que G. Stégen combate a tese de Maury, mas não vemos que a nova opinião, que faz da Bucólica VIII a «Bucólica maior», esteja estribada em argumentos mais firmes.

O problema das coincidências numéricas nas *Bucólicas*, que desempenha um largo papel na teoria de Maury, é retomado com nova orientação por G. Stégen. Partilhamos inteiramente a opinião do Autor ao declarar que a construção de Maury seria perfeita, se não implicasse a modificação do número de versos de 3 Bucólicas. Não quer, porém, Stégen renunciar ao sortilégio dos números e architecta a sua teoria que, afinal, implica também as suas modificações.

A razão parece-nos estar em quem, como J. Marouzeau, se pronuncia contra a validade de tal género de investigações. Por nossa parte, confessamos não descontinuar o interesse de tais requintes de erudição. É que nós respeitamos demais a realidade para soffrermos que a forcem às exigências da teoria.